

A EXPERIÊNCIA DA EDUCAÇÃO EM SAÚDE PARA ATENDIMENTO DA DIVERSIDADE SEXUAL E DE GÊNERO PARA TRABALHADORES DA REDE DE ATENÇÃO À SAÚDE NA REGIÃO PAMPA¹

Rafaela Oliveira da Vitória²

¹ Relato de experiência

² Terapeuta Ocupacional, Especialista em Saúde na SES/RS, Bagé, RS, Brasil

Introdução

A Educação em Saúde constitui-se como ferramenta importante nos processos de trabalho e formação para o Sistema Único de Saúde (SUS), com potencial para qualificação do acesso e atenção, sendo este um processo contínuo e dinâmico para responder às problemáticas apresentadas no cotidiano do trabalho. O Estado do Rio Grande do Sul é o primeiro a publicar uma política de Promoção de Equidade em Saúde através da Portaria SES 512/2019, que tem por objetivo ampliar e qualificar o acesso à saúde de populações específicas, visando a inclusão, dentre elas, da população de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais (LGBT).

Objetivo

O objetivo deste trabalho é descrever a avaliação de uma ação de educação em saúde que ocorreu em 2019, com a temática da diversidade sexual e de gênero.

Metodologia

O evento de capacitação para o atendimento sob a ótica da diversidade sexual e de gênero foi uma parceria entre Secretaria Municipal de Saúde, Serviço de Atendimento Integral à Sexualidade Municipal, Coordenadoria Regional de Saúde e Coletivo LGBT local. Para esta ação, foram convidados palestrantes referências estaduais nos seguintes temas: Política de saúde LGBT no Rio Grande do Sul, Boas práticas com a população LGBT no contexto da saúde, Notificação de Violência Motivada por LGBTfobia e ISTs e AIDS no contexto LGBT: acolhimento e prevenção. O evento contou com 211 inscrições, em sua maioria profissionais de saúde, seguido pelos setores: educação, segurança pública e ativistas da causa LGBT. Após o evento, foi enviada por e-mail uma ficha de avaliação para todos os participantes com questionamentos sobre os temas abordados e avaliação do mesmo.

Resultados

Dentre os participantes do evento, somente 16 responderam a pesquisa, dos quais 73,3%

identificavam-se como heterossexuais, 20% bissexuais e 6,7% homossexuais; 92,3% cisgêneros e 7,7% transgêneros. A maioria (53,3%) dos respondentes referiu que nunca havia participado de um evento com a temática LGBT antes. Sobre os conceitos apresentados nas explanações dos palestrantes, com relação a familiaridade antes do evento, numa escala de 1 pouco claro a 10 muito claro, 26,7% encontravam-se entre 1 e 5 e 73,4% entre 6 e 10, revelando algum conhecimento/vivência sobre a temática prévios ao evento. Na assimilação dos conceitos apresentados usando a mesma, 100% dos respondentes referiu média acima de 7, significativo para a aprendizagem. 100% consideraram eventos com a temática LGBT importantes e da mesma maneira, que contribuirão para suas práticas profissionais. Em seguida foram realizadas duas perguntas com o escopo de avaliar o aprendizado, sendo a primeira: “Qual o pronome correto para se referir a travestis?” 80% dos respondentes acertaram contra 20% que responderam com o pronome masculino “o”; e a segunda: “Marque a alternativa falsa com relação a pessoas trans”, que contava com 5 opções, 60% acertarem, respondendo “Todas as pessoas trans buscam cirurgia de adequação sexual”, 26% responderam “Têm uma expectativa de vida de 35 anos no Brasil” e 13,3% responderam “Têm direito a serem chamados/as somente pelo nome social independente da retificação em seus documentos”. Duas perguntas finais abertas foram realizadas sobre quais são os maiores problemas enfrentados pela população LGBT, o preconceito apareceu mais vezes, seguido de falta de preparo profissional/acolhimento e inserção; e quais estratégias podem ser utilizadas para amenizar as dificuldades, em que as respostas retornaram com mais frequência o respeito, seguido termos como profissionalismo, estudo e reunião de equipe.

Conclusões

Nota-se a importância de fomentar espaços de discussão sobre a diversidade sexual e de gênero no SUS para acolher os usuários de maneira empática e imparcial, porém ainda permanecem confusões acerca de termos corretos e da utilização do nome social como um direito, sendo estes fatores que levam à violência simbólica da população LGBT. Embora tenha sido um evento com grande público, apenas 7,5% de seus participantes responderam à pesquisa, o que pode apresentar-se como limitação quando nos propomos a analisar uma atividade coletiva, porém levamos a pensar em mais estratégias de captação da avaliação de ações para futuros trabalhos, de maneira a pautar este tema de maneira transversal.